
NOVELA VERMELHA

— N.º 2 —

Sangue Fidalgo

POR

NOGUEIRA DE BRITO



JUNHO DE 1921

Secção Editorial da BATALHA
LISBOA

The logo for the publisher, consisting of the letters 'Shi' in a stylized font, with the 'S' and 'h' connected. It is positioned in the bottom right corner of the page, partially overlapping a red horizontal bar.

SANGUE FIDALGO

POR

Nogueira de Brito

SAMUEL JOHNSON

1791

JOHNSON'S DICTIONARY

Sangue Fidalgo

Correra apressadamente pela pequena e risonha aldeia a triste noticia. Eram as mulheres rotas, esfaimadas que, com mais pesar, a comentavam e sentiam. Corações femininos de emotividade apurada, almas habituadas ao sofrimento, olhos feitos para chorar, todo esse conjunto tremendo que depura e robustece o sentimento da affectividade, havia-se diluído naqueles corpos esqueléticos, contraindo as fisionomias torturadas, amortecendo os olhares vagos daquela pobre gente. Quando em tristonhas vielas proletárias, cái brutalmente uma noticia tétrica, tôda a massa humana que as povôa vibra de dor em unísono, clamoreja viril em imprecações cruentas, e esses organismos débeis que tudo dão ao trabalho rude, agitam-se febrilmente, convulsivamente, como se toda a gente pulsasse pelo mesmo coração, como se todos aquelles cérebros fossem batidos do mesmo pensamento cruel! Naquela noite, se é possível, ainda mais se avigoraram esses requintes de bom sentimento, a ponto de dominar as conversas o negro acontecimento....

José Narciso nascera ali, onde seus pais assentaram pouso há mais de meio século. Cavadôres humildes da região fértil de Ribatamega, os asares da vida obrigaram-nos a vir por montes e vales até àquella pobre terra estremenha, onde o ardor do seu trabalho porfiado lhes deu um passado de relativa tranquillidade. O velho ribatamegense, morto já há uma boa duzia de anos, trabalhou muito, e como era de uma economia extrema, logrou, a muito custo porém, erguer sôbre o solo barrento daquela povoação, a pequena habitação de paredes imaculadas na sua brancura de cal e de chão vermelho de tijolo resistente. E aquellas duas cores tam opostas, o branco da cal e o vermelho do tijolo, bem

símbolizavam a harmonia do lar asseiado e discreto, que lá vivia e a que não era estranha a singular actividade de labor daquela exemplar família. A velhota Rita da Assunção, de apparencia menos forte do que o marido, havia-lhe, no entanto, sobrevivido, e enquanto pôde, lá andou de sol a sol no arrotear do campo, de face tisonada e olhar vivo. Ultimamente, o reumatismo, que é *doença maligna e teimosa*, apossara-se da sua ossatura, formidavelmente, e ao cabo de meia dúzia de anos, to-lheu-lhe os movimentos e atirou-a para uma tósca cadeirita de rodas, onde descansava por vezes a torcer-se de dôres terríveis, á entrada da sua porta, aquecida pelo sol dourado daquela região, sol a que ella queria mais do que áquele que na sua mocidade incendiava as côres espalhafatosas dos vestidos garridos que levava, cantando às romarias da aldeia onde foi nada!

Boa mulher aquella. Ninguém a viu, ainda quando em plena agilidade, andar de porta em porta a engulhar a vida dos outros, como é de bom geito fazer-se em terras pequenas. Quando os campos permitiam que deles se desviasse um pouco o trabalho habitual, via-se a boa mulher à margem dos regatos tranqüillos, lavando a roupa do uso; e dava-lhe voltas e bati-a sôbre as pedras até lhe dar a brancura das paredes da casita humilde, onde o seu homem morrera, mas onde também o seu único filho João da Rita se criara, sempre manso, como as rôlas que nos valados passeavam distraídas e plácidas! Pequenos cuidados, pequenas doenças criancis, mais empurrão, menos empurrão e o pequeno crescia a olhos vistos.

O João da Rita, o pequenote, era de modos sacudidos, mas de alma funda de emotividade, como outra não havia ali em derredor. Interessavam no demais as dôres alheias, a ponto de causar desaguisados, e no dizer de muitos *metia o nariz onde não era chamado*.

— *Toma tento filho; dizia-lhe a mãe às vezes, quem as faz que as desmanche...*

Mas os vinte e cinco anos do rapaz e o seu ânimo óusado ensurdeciam-no ante as observações da mãe. Uma noite de Setembro, depois da romaria, quando o João da Rita regressava ao seu tegúrio, passou *vis á-vis* com a quinta do Sarmento, a um quarto de légua. Era a melhor fazenda dos subúrbios, quinta fechada de muros altos por onde trepavam madresilvas frescas que os forravam de côr e de aroma. Um airoso portão de linhas equilibradas, dava-lhe acesso. Encimava-o um braço de

familia, de rijo granito, de cujo elmo aberto nasciam para os dois lados do escudo duas fitas voejantes de marmore rosa, onde se abria esta legenda: *Pelo bem e pela vir-tude*. Era voz corrente nos sitios, que o proprietário desta casa solarenga, rebento de antiga nobresa, solteirão corrupto, dava no seu palacete, guarida a todos os malfeitoses que a sua mão endinheirada atraía e de cujos maleficios se aproveitava para o conseguimento dos seus desejos de lubricidade.

E, quem fôsse mais atento, não raro veria o fidalgote cruzar, a horas mortas, as estradas, trazendo no seu Peugeot, o despojo de noites de bordel, que recolhia no seu solar encantador, depois de exercer à vontade todos as sevícias que o seu temperamento amoroso lhe exigia. Uma soberba magnolia coroava a pequena capela situada à esquerda do portal setecentista, e cujos braços potentes de árvore descaiam gloriosos sobre o muro, alagando de sombra bemfazeja aqueles metros de terra que, a nascente, rodeavam a entrada da quinta. Foi ali, naquele recanto, banhado frouxamente pelo luar poeirento de Setembro, que o João da Rita divisou um pequenino grupo de embuçados que conversavam cautelosamente, urdindo com certesa, planos sinistros a que a luz indecisa destas noites de calma daria protecção, talvez dentro de momentos breves.

João da Rita, ebrio de curiosidade ocultou-se a uns metros de distancia, com uma oliveira frondosa, onde o passario assustado, num agitar de azas, deu pela sua presença, embora os seus passos vaporosos não tivessem interrompido o rítmico cantar das cigarras encalmadas!

«*Não é ao menos possível evitar o escandalo?*» disse um dos do grupo.

«*Que me importa o escandalo, desde que eu consiga o meu intento!*» respondeu em tom de decisão, num sacudido gesto de desprendimento, outro do grupo. Era o fidalgo que neste momento falava. O João da Rita, cada vez mais cosido com a oliveira amiga, redobrou de ansiedade febril. Tratava-se evidentemente de um rapto audacioso, para fins hediondos. Quem seria a vítima a imolar?

«*O que convém, disse uma voz, é segurar bem os curiosos com os canos das espingardas!*»

«*Eu conheço bem esta gente!*» disse de novo o fidalgo.

Estremecera o coração do João da Rita, ao aperceber-se da infâmia que os farçantes se preparavam para efectuar. Almas negras de aventureiros, nenhuma pie-

dade lhes falava no coração endurecido. Insensíveis à dôr e ao sofrimento a nada de puro se entreabria o sentimento daquelas criaturas sem moral.

Formidável contraste entre o sentir e o pensar daqueles três homens e a candidez augusta do camponio varonil que áquella hora de dolencia noturna, disfarçado e confundido com a sombra de uma árvore, tentava prescrutar o que de grave podia haver naquelas meias palavras, pronunciadas cautamente. Perfeitamente esquecido do perigo que correria, dispunha-se a acercar-se dos vultos, quando notou que eles se despediam com ares de mistério. E, alucinado, trémulo de ira, ainda pôde ouvir dizer—*«Entendidos, quem primeiro chegar á azinhaga do cabeça, que espere pelos outros. A's seis horas em ponto, junto á mata do Ramalho»*. O fidalgo entrara precipitadamente na quinta e fechára o portão potente com grande estrondo, pondo a ladrar os cães de guarda. A cambalear, João da Rita, escarvando a terra sêca com o aguilhão do seu cacete, lá foi, estrada fora, roído pela incerteza, o pensamento a poisar no que de mais estranho podia haver.

A natureza quieta olhava-o indiferente. Num valado próximo de casa, cantava ebrio de luar, um rouxinol.

Empurrando a porta, entrou, olhando de fugida para o quarto onde a mãe dormia despreocupada e foi-se deitar para não dormir, tal a inquietação que o dominava!

*

* * *

A azinhaga que corre para o Cabeço é pedregosa e nasce da estrada principal. Bordada de amoreiras silvestres descreve curvas estreitas, onde o caminhante pode embrenhar-se sem o receio de ser surpreendido. De um lado e do outro o trigo dourado cresce alto, compacto e abundante de floração. A pardalada inquieta, estrídula e garota, antecipa-se na colheita, e é vê-la a engordar conselheiralmente, atulhando o bico de grãos saborosos. Por ali, pela azinhaga estreitíssima pouca gente passa, a não ser em dias de calma, a cobra caprichosa que vai dormir a sesta debaixo dos ramos do silvedo espesso! A poeira branqueia as raras oliveiras que, desacompanhadas e cheias de desolação, são quasi estéreis no dar do ruto.

Aquele Setembro tinha vindo escaldadiço, o verão começara tarde e entraria por Novembro, com certeza.

João da Rita não o assustava a temperatura asfixiante; desde o meio dia que esperava, metros andados na azinhaga, que alguém chegasse. Sentado num declive de ribanceira olhava impaciente a embocadura que dava para a estrada real, como que a não querer perdê-la de vista. Durante as primeiras horas da tarde nada viu que o interessasse; um ou outro caminheiro roto em busca de trabalho, cães vadios já morrer de sede... Aos seus ouvidos vieram as cinco horas da tarde, trazidas pelo vento suão, e que uma torre esguia e altaneira havia desferido de longe, no seu relógio. Não tardou que o ruído de passos ligeiros o puzesse de aviso.

Segundos decorridos e a figura desempenada do fidalgo da Varzea aparecia a transpor a azinhaga solitária. Jaqueta ribatejana de remendos apertava-lhe a cintura varonil, calça de bombazina cinzenta, chapéu de aba larga; botas de salto de prateleira com esporas de prata reluzente completavam o conjunto do lavrador atrevido que monta cavalos de preço e beija moçoilas tostadas de sol! Em menos tempo vibrara um suspiro do que aquele de que precisava o João da Rita, para se acercar dêle e cumprimentá-lo respeitosamente. Deram-se as mãos os dois rapazes, aproximadamente da mesma idade. Postos frente a frente que singular contraste os separava! Rui Sarmento, o tidoalço, tinha na fisionomia aquela impressão de canção a que muitas gerações de vício e latrocínio conduziram, após séculos de desvaios de cortezania e de loucuras de perdulario. João da Rita tinha o rosto grosseiro do trabalhador que nasceu a ouvir labutar e que herdou dos seus antepassados o ardor extenuante dos que vivem a sorrir sem um assômo de protesto. No fidalgo brilhavam uns olhos maliciosos e endemoninhados; no camponês, o olhar doce de homem rude, tinha a dolência soberba das almas sãs!

«A estas horas por aqui!», atalhou o João da Rita, como que a querer demonstrar que bem sabia porque Rui Sarmento por ali passava.

«Passei uma noite de insônia, retorquiu o fidalgo, e procuro distrair-me para ver se o canção de uma boa caminhada consegue que a noite próxima eu durma melhor».

João da Rita não era homem de muitas conversas, quando a idea que o dominava o afligia verdadeiramente.

Olhou severamente o fidalgo e sem mais rodeios despediu à queima-roupa esta frase tremenda — «*Desgraçados dos pobres que não lhes sobeja o tempo para devaneios impuros!*»

A fisionomia de Rui Sarmiento incendiou-se de ira, daquela ira de que os nobres se possuem ao convencerem-se de que os filhos do povo os devem considerar como senhores.

João da Rita completou a frase — «*Combinações nocturnas com embuçados, só servem, ou para assassinar alguém, ou para arrancar ao sossêgo dos lares pobres, alguma filha bonita! Senhor Rui Sarmiento: Não venho da fidalguia, sou de gente ordinaria, mas em nobresa de sentimento sou mais rico que os da sua raça. Vim aqui para impedir que o senhor e os da sua igualha assaltem a honra dos humildes a trôco de uns minutos de prazer!*

E-me indiferente saber o nome da sua vítima, só sei que enquanto eu aqui estiver a má acção não se praticará, ainda que isso me possa custar a vida, por que bem sei que as pessoas da sua qualidade são capazes de matar um homem, sem que a justiça com isso se importe!»

«*Vai-te embora, idiota*», disse o fidalgo fazendo a menção de continuar no seu caminho.

«*Nem eu nem o senhor sairemos daqui!*». Dizendo isto, João da Rita, violentamente, como um possêso, avançou para ele e tentou agarrá-lo pelo pescoço, mas o Sarmiento matreiro, arrancando de um rico punhal de Toledo, cuja lâmina faiscante brilhou ao sol, e que trazia oculto na cinta de setim verde, vibrou-lhe no ventre um golpe profundo.

Cambaleante, ensopado de sangue, o João da Rita caiu redondamente no valado soltando um grito profundo. O fidalgo, pachorrento, enterrou cuidadosamente duas ou tres vezes, na terra ressequida, o punhal que gotejava sangue, até que êle adquirisse a limpidez primitiva e, transbordante de cinismo, guardou-o de novo na cintura, exclamando: «*Foi assim, a matar, que os meus avoengos conquistaram a púrpura heráldica!* E desapareceu pressuroso, a caminho da quinta, pela estrada inundada da poeira dourada do sol poente!

*

* *

A Leonor era a rapariga mais desenxovalhada das vizinhanças.. Estremeciam nas suas carnes palpitan-tes de brancura dezasete anos de vida despreocupada. De uma pudicidade quasi inexplicavel, mal sabia sorrir quando os seus requisitos inexcediveis de deidade eram postos à evidência pelos ditos dos seus admiradores e pelos olhares cubiçosos daqueles que a admiravam gulosamente. Embora uma desenvoltura rara lhe quebrassem um pouco a linha de castidade que realmente possuia, as suas frases ingenuas e compassadas destruiam imediatamente qualquer apreciação mais precipitada que sobre a sua conduta alguém chegasse a fazer! As lides de campo para que a situação precária da sua família havia atirado, não tinham conseguido ainda tirar-lhe um certo modo distinto, que a faziam realçar entre as outras raparigas. De rosto severo, seios tumidos, mãos patricias, a Leonor era, como não podia deixar de ser, em meios pequenos, olhada com manifesta inveja pelas moças, que nem em belesa, nem em prendas, conseguiam, sequer, ao de leve, aproximar-se dela. Daí essa natural intriga que enreda sempre todas as pessoas sobre quem sopra um bafo de destaque. Era alegre a pequena e cantarolava de vez em quando, principalmente quando, no regresso do trabalho árduo, se encaminhava para casa. Saltitante como ave ribeirinha, na tarde trágica em que João da Rita caíra prostrado a desfazer-se em sangue, empapando a terra ardente, a Leonor entoava, num tom de dolência indizível, a quadra anónima:

Dou-te a palma, dou-te a mão,

Nada mais te tenho a dar.

Dar-te hei o coração

Se mo quizeres aceitar!

As quebradas dos vales silenciosos colhiam isocronamente as últimas sílabas dos versos, como que a querer guardar no seu ambito sombrio a intenção que havia nessa cantiga monótona. Em quem pensaria ela, ao cantar com tanto mimo esses versos que bem podiam dirigir-se a um bem amado, mas que tambem podiam ser ditos sem que as frases correspondessem a qualquer intenção...

E a luz da tarde amortecia mais e mais, a ponto de assustar a donzela, que não quiz passar próximo da azinhaga do Cabeço, mas os meliantes da *campada* do fidalgo, cansados de esperar por este que, tardava, vigiavam com uma atenção verdadeiramente febril a estrada que corria a par da azinhaga, e por onde a bela Leonor devia passar descuidada. A este tempo já o automovel do Sarmento vinha ao encontro deles, conduzindo o morgado que se apressou a pô-los ao facto da tristíssima scena que... a sua mente reconstituira, mas que os seus olhos não haviam logrado presenciar... Mais umas palavras, ditas em tom sacudido, mais umas frases ligeiras que traduziam ordens terminantes e cada um foi debandando para as suas moradias, até ao dia seguinte em que o facto se consumaria, tendo a favorecê-lo a inquietação que assaltara toda a gente daquelas aldeias, extraordinariamente acometida de pesar, desde que houve conhecimento da morte do filho da velha Rita!

A' Leonor batera-lhe um pressentimento no coração, e, desviando-se do caminho que lhe era tam habitual, pôde chegar à misérrima cabana que lhe servia de residencia, sempre a fulgurar de virgindade nos olhos languidos e a desprender dos lábios de coral, a cantiga melancólica:

*Dou-te a palma, dou-te a mão
Nada mais te tenh a dar.
Dar-te hei o coração
se mo quizeres aceitar.*

Sujos de terra preta, lambuzados de fruta quasi apodrecida, dois gaiatos seus irmãos correram para ela a beijá-la, sófregos, depois de subirem por ela acima, com a mesma presteza com que trepavam às figueiras copadas dos quintalorios, para roubar os figos maduros.

A' mesa tosca, de pinho, sentou-se a rapariga a saborear o caldo da ceia que uma irmã novita lhe havia preparado, porque a mãe estava paralítica ha uns bons dois anos e o pai correra a informar-se, atónito, do que havia sucedido ao filho da Rita, a quem tinham esfaqueado, como se êle não fôsse uma alma cristã!

«Que tem vocemecê, disse Leonor á mãe, que a vejo tam a pensar?»

«Pois ainda não to disseram, filha? Mataram o João da Rita, à facada! Foi encontrado morto na azinhaga do Cabeço.»

A rapariga empalidecera súbitamente, largando de comer; escondeu entre as mãos graciosas o rosto delicado e começou a chorar desesperadamente, dizendo entre dentes, mas muito de dentro do coração esmagado: *E eu que não passei á azeitona...*

*
* * *

Na casa humilde da velha Rita entrara aos hombros de alguns mancebos da aldeia, o corpo sem vida do pobre camponês. O fidalgo da Varzea fôra mais uma vez o cristão que honrara o nome dos seus maiores. Andava nos tristes colóquios daquela gente esfarrapada a sua nobre acção, havendo quem, com arrastados pormenores, contasse o que se passára e com tal fidelidade que dir-se-hia que, quem assim fazia, tinha assistido de *visu* à estranha tragedia. «*O senhor Rui*, dizia uma velhota lacrimejante para um monte de gente que a cercava, *quando passava ao pé da azeitona do Cabeço, viu o desgraçado a esvair-se em sangue, e meteu o, assim mesmo, no automóvel...*

«*O' mulher, você nem falar sabe*, disse um rapazola do grupo, com fumaças de bem falante, *automovel é que se diz*».

Pelas portas, pelas janelas baixas trocavam-se lamentos, ninguém presenciara como as coisas se haviam passado. Um veo de misterio envolvia densamente todas as conjecturas, como o véo pesado da noite envolvia tambem as planicies e os montes que rodeavam o logarejo. E no frémito agudo das palavras que se cruzavam, havia a desolação dos que sentem uma grande perda e o terror instintivo do incompreensivel apoderava-se daquelas almas compassivas para quem o sossêgo e a tranquillidade são a condição mais indispensavel áquelas existencias regradas!

E, quando, no dia seguinte, o sol afogueiante do meio dia, arrasou de claridade e de quentura, o campo verdejante e as serras alterosas, toda uma multidão chorosa e negra saiu dos seus covis desconfortaveis e lá caminhou a passo firme atraz do esquife do pobre moço. A dor humana galgou presto por sôbre todos aqueles corações e foi postar-se ao pé dos poucos palmos de terra que iriam receber os restos do mocetão valoroso, engodo de

donzelas, e amparo da pobre mãe que pouco mais viveria, sem o alento carinhoso do filho que para sempre via desaparecer! Singular cortejo aquele, silencioso na sua eloquência simples, mas enorme na sua significação emotiva! A melopeia das fontes suspirosas parecia querer acompanhar o sentimento humano a voejar sincero por aquelas almas apertadas de sofrimento.

Farrapos de nuvens alvíssimas forravam o ceu de um anil suave, como se quizessem também prantear o tremendo acontecimento. Os trabalhos campestres adormeceram naquele dia triste, à espera que os braços vigorosos dos aldeãos os fôsem acordar ao primeiro alvor matutino. Quilómetros e quilómetros a multidão enguliu até que chegasse ao pequeno cemitério, onde logo á entrada se via um faustoso monumento de granito que era a jazida dos Sarmentos, que usavam como divisa do seu brasão de armas estas palavras: *Pelo bem e pela virtude.*

Foi rápida a cerimónia iunerária, de uma simplicidade tocante, como simples havia sido o pobre João da Rita.

O fidalgo Rui Sarmento acompanhara a sua vítima, não como o assassino, mas ainda como *a boa alma*, no sentir daquela multidão ignorante e fiel.

Já a tarde começava a cair sobre os vinhedos abundantes, curvados ao pêso das ultimas uvas maduras. A adivinhar a noite que se aproximava os passaritos ligeiros voavam desordenados em busca do leito nocturno, onde dormiriam inocentes e desatribulados...

Ficara um pouco a confundir-se com a multidão o fidalgo e não tardou que um homem de aspecto sinistro dele se aproximasse e lhe segredasse: *«Quer que leve a rapariga para o seu quarto?»*

«Por que esperam, disse desembaraçado o Sarmento — fechem-na bem até que eu chegue».

A onda humana debandou contristada, espalhando-s: por todos os caminhos e atalhos. A gente grada dos subúrbios deixou-se ficar propositadamente para traz, para que não pudesse haver confusões com a gentalha do trabalho... O crepúsculo da tarde ia-se adensando, dando à paisagem o esbatido vago da luz indecisa e tépida do outono, que abraçava a terra com sua dolência inconfundível. Uma aragem branda e acariciadora sacudia os ramos esbeltos das árvores e enchia o ambiente quente do aroma penetrante das flôres campesinas! Era a linguagem da natureza que nos embalava perturbante, chamando-nos á realidade das coisas.

«*Vamos ter amanhã um dia de grande calma*», disse o fidalgo da Várzea para dois altos personagens da comitiva fúnebre, o padre da freguesia e o juiz da comarca.

«*Um dia bom para descansar das fadigas nocturnas*», acrescentou o prior maliciosamente. «*Só para mim não se fez o descanso*», disse o juiz meio indisposto. «*Tenho de presidir ao julgamento do Luís Roberto, o pedreiro, que teve o desplante de roubar de casa dos pais, para casar com ela, a filha do morgado da Atalaia. Ele nem sabe em que se meteu, vai apanhar uma boa talhada!*»

O silencioso Peugeot, do fidalgo da Várzea, acercára-se já para receber os tres figurões. Vibrando a buzina estridente, lá seguiu, quasi a voar, pela estrada fora, e não tardou muitos minutos que a sineta da quinta do Sarmento annunciasse em badaladas festivas os recém-chegados que se apeiaram, ajudando Rui, cerimoniosamente, a descer, os dois convidados

«*Vamos jantar, meus queridos amigos*, disse o solarenço, colocando se entre ambos; *é hoje para mim dia de festa*». E entraram o portão a passo vagaroso, formando um quadro verdadeiramente simbólico — *a tradição amparada à justiça do ceu e á justiça da terra*.

Frente ao portão abria-se uma comprida rua de lilazes brancos, em cuja terminação se erguia magestoso um palacete de sóbria construção que devia remontar aos fins do século dezasete. Rasgadas janelas olhavam para varios lados, como que a evocar um passado vetusto. Nalguns pontos das paredes abriam-se as cicatrizes que o tempo deixa sempre na sua marcha impetuosa e que os homens conservaram propositadamente, não deixando reparar os estragos que as invernias causaram, na sua sanha inconfivel! Dentro da sala, naqueles aposentos confortaveis, vivia-se a vida feliz que o pobre desconhece, mas que as suas mãos preparam para logradouro dos privilegiados! O primeiro aposento com que se deparava, uma airosa *salinha de estar*, tinha o ar feliz de quem acondicionava bem os que nela entreteem as suas horas de ócio. Virada ao nascente, forra-lhe as paredes um primoroso lambri de azulejos, em que varias peripécias de caça ao javali são pintadas com esmerada verdade. A contrastar com esta graciosa salinha de acanhadas proporções, surge a vastíssima casa de jantar de tecto apainelado, de carvalho, de paredes altas onde brilham frescos admiraveis de Pedro Alexandrino, representativos das quatro estações do ano. Do teto opulento de madeira lavrada pendem candelabros de ferro.

forjado onde se aprumam dezenas de velas. Nas cantoneiras alinham-se pratos e travessas de cerâmica caprichosa e que salpicam de colorido forte a severidade do mobiliário cuidadosamente encerado. Num ângulo da casa ageita-se um meio armario, onde esplendem riquísimos cristais de formas caprichosas e de uma transparencia formosíssima! Sôbre a mesa potente colocada ao centro da casa, descansa uma enorme toalha de linho caseiro, com que contrasta um enorme tapete persa, que debaixo da mesa se estende, opulento de côr e de episodios palacianescos.

Tendo passado pela sala da biblioteca, cujas paredes estão forradas de alto a baixo de pesadas estantes de camfora, e em cujas prateleiras resistentes se enfileiram livros raros, desde os mais remotos paleotipos, com capa de pergaminho, até às edições preciosísimas dos clássicos latinos e gregos, o fidalgo Rui Sarmiento e os seus convidados entraram na sala de jantar onde os esperava um repasto de iguarias variadas.

Sentaram-se cómodamente enquanto na terrina fumegava a sopa apetitosa que em pouco tempo enchia os pratos, de bellissima faiança brazonada, onde mãos peregrinas haviam aberto o brasão dos Sarmientos, de cujo elmo aberto pendia para um e outro lado, como que a voejar, a divisa da familia—*Pelo Bem e pela Virtude*.

.....
E, enquanto os tres comiam sôfregamente, lá fóra, no pequenino cemitério, os vermes começavam a roer, afdigados, o corpo inerme do pobre João da Rita.

FIM

A aparecer brevemente

A Novela Vermelha

N.º 5—

HUGO, o pintor

por MARIO DOMINGUES

A seguir :

Novelas de Nogueira de Brito, Sobral de Campos, Mário Domingues, Perfeito de Carvalho, Artur Portela, etc.

Preço, \$25 ctvs.

*Pedidos à Secção Editorial
d'A BATALHA*

A HISTORY OF VERMONT

A HISTORY OF VERMONT

BY J. W. COOPER

IN TWO VOLUMES

VOLUME I

FROM THE FIRST SETTLEMENT

TO THE PRESENT

NEW-YORK: G. P. PUTNAM'S

PUBLISHERS, 25 NASSAU ST.

1855

MADE IN GREAT BRITAIN

A NOVELA VERMELHA



Em preparação:

N.º 3- **HUGO, o pintor**

POR

MÁRIO DOMINGUES

COLABORADORES: Manuel Ribeiro, Nogueira de Brito, Mário Domingues, Perfeito de Carvalho, Jesus Peixoto, Artur Portela, Sobral de Campos, etc.



PREÇO: \$25 CENTAVOS

Série de 10 números: 2\$50

Shi